



ARRUADA



"André Henriques continua a ser um dos maiores escritores de canções em Portugal."
Fernando Costa, Ípsilon, Público (22 set 23)

"Leveza" é o título do **segundo álbum** de André Henriques. A **escrita de canções, composição personalizada e um trabalho impar** constituem as armas maiores do artista. Para o sucessor de "**Cajarana**" (2020), André Henriques ladeou-se de **Domenico Lancellotti** (Orquestra Imperial, Adriana Calcanhotto) e o multi-instrumentista **Ricardo Dias Gomes** (Caetano Veloso). O álbum foi gravado na íntegra em **Lisboa**, no estúdio Cave. Para a estética do álbum convidou o colectivo do Porto (**Studio Dobra**) e chamou o amigo de longa data **Paulo Segadães** para fotografia e uma trilogia de vídeos composta por "**Os fantasmas de amanhã**", "**As Janelas São de Abrir**" e o mais recente "**Espanto**".

Ao vivo, André Henriques apresenta-se em trio com um repertório que conquista cada vez mais seguidores de **grandes escritores de canções**.

ÁLBUM – LEVEZA<https://andrehenriques.lnk.to/Leveza>**VIDEOCLÍPE – ESPANTO**<https://www.youtube.com/watch?v=-cWdk57sGN8>**YOUTUBE**www.youtube.com/channel/UCDIWWeb3w2cbv4phllfuXEA**INSTAGRAM**www.instagram.com/andrehenriques/**SPOTIFY**<https://open.spotify.com/artist/2E7WcrOe8ooeTTOVf3YOj6>**SITE**<http://arruada.com/pt/artistas/andre-henriques>

Booking: Inês Lopes / ines.lopes@arruada.com / 96 54 77328

Management: Pedro Trigueiro / pedro.trigueiro@arruada.com

www.arruada.com

**Bucólico, experimental e orgânico:
assim é Leveza, de André Henriques**

Três anos depois, o segundo disco do músico dos Linda Martini, *Leveza* equilibra a crueza dos poemas com instrumentais idílicos e leves. E soa como se fosse mais simples do que é.

Fernando Costa

Depois de uma vida inteira a viver em Lisboa, André Henriques mudou-se para o campo, na Estrela, no concelho de Évora. Os milídeos mudaram de escola, houve obras para fazer, ensaios para engastar. Durante o tempo em que se põem coisas em calças, e se tiram coisas de outras, nasceu *Levens*, o novo disco de cantor de 43 anos, concheado por ser vocalista dos Linda Martinis.

“O título do disco é o título da última música, foi daí que surgiu naturalmente a inspiração. Mas a verdade é que desde a composição, até à gravação, houve uma procura por uma certa leveza. Por encontrar uma forma simples de fazer as coisas, de

Apesar de mostrar um lado mais experimental no som do artista liberta, que amassa free jazz, bossa nova e acondes aqui rock na guitarra acústica, *Leveto assume-se* como

uma sequela natural de Calozana (2020). Enquanto no primeiro as canções falavam sobre a urbe de Lisboa, entre prédios, buzinas e multidões, no segundo, a paisagem é mais bucólica e virgem. Mas a cidade ainda se vê, lá ao fundo, por cima do ombro.

Electricidade à porta

Cajonero ainda trazia alguma da electricidade característica da vida de André Henriques nos Linda Martin, mas o novo disco, tirando uma ou outra pincelada de distorção ou sintetizadores, é essencialmente acústico. E não perde intensidade por isso (em caso de dúvida, ouvir o climax dos finais de *Exposo e O mal que lhe pertence*), ganha uma mais natural.

"Neste disco toco essencialmente clarinetes e flautas, todos instrumentos que vivem muito da expressão humana. O sopro precisa da respira-

A man with dark hair and a beard, wearing a green button-down shirt, sits at a wooden table. He is looking off to the side with a thoughtful expression. Behind him is a workshop or studio filled with various tools, equipment, and materials on shelves and workbenches.



linguas, a desconcertante sétima faixa. As canções seguem caminhos com curvas e contracurvas, mas bem pavimentados, fideis de seguir.

aprender a tocar melhor na digressão de Góes, não concieros em banda - também é protagonista. Não fosse o compasso de espera que antecede o refrão de Milagre, por exemplo, e este perderia a vivacidade que o torna quase dançável.

Na capa do disco, o que parece ser um homem a caminhar sobre uma duna de areia é, na verdade, um oficial da Marinha em cima do casco do Tílian, navio que encalhou em Fevereiro de 1980 no Tejo, e lá ficou por três anos. A fotografia, da autoria de

Leveza
André
Henriques
Arnaudd, distribuído
Virgin Music
Portugal

★★★★★

Joaquim José Henriques, pai de André, espelha, para o cantor, na perfeição o contraste entre a leveza das melodias e a cruzeira que as letras continuam, por vezes, a ter: "É um lado que eu, de alguma forma, não

comigo abandonar." E ainda bem, não fosse "Até a mim me convencer que sou capaz de ser de outra maneira / E depois volto à mesma merda, a consistência de trabalho", de *O mal que lhe pertence*, um dos versos mais acutilantes do disco.

Da história sobre a mãe e o filho — real, plantada no jardim da nova casa — contada em *Ela deu nome*, é reflexo de Abreu em questão, a escrita de André Henriques nunca foi tão desatada e vivida. Em *Depressurada*, antes do homônimo refrão, somos desarmados pelo verso "Antes morrer a saber que te sou estranho".

Falava em línguas e O muro, de
luzes no salão meias convenções
do clero, enquanto um
caridativismo está longe de sequear. A
primeira é um diálogo inocente e
crítico sobre um encontro misan-
trópico. A segunda, uma história de
como fazer um muro, uma receita
que existe mesmo: "Um pedreiro
deu-me uma lista dos materiais que
estivam de comprar para ele fazer o
muro. A lista dizia: é a lista de mate-
riais que ele deu."

Cada ingresso a *Luzes* — que será apresentado no Teatro Maria Matos, em Lisboa, a 15 de Novembro — tem uma tectila e huteria — acrescenta algo que não se descobria na escuta anterior. Como fazer uma nova casa, como fazer de cada vez que se entra a chave na porta para entrar. Um desfaiteiro conjunto de câncios, por vezes entreditas, mais significas, como se respirassem por si mesmas. Mas há histórias que continuam a ser um dos maiores escritores de câncios

ipson | Sexta-feira 22 Setembro 2023 | 9

Público, 22 Setembro 2023



André Henriques: à procura da "Leveza" cantada



António Moura dos Santos
Texto

Mais solto, mais exuberante, ainda inquieto. É assim que o artista se apresenta num segundo álbum a solo. Em entrevista, fala-nos sobre os desafios de construir uma casa e um disco ao mesmo tempo.

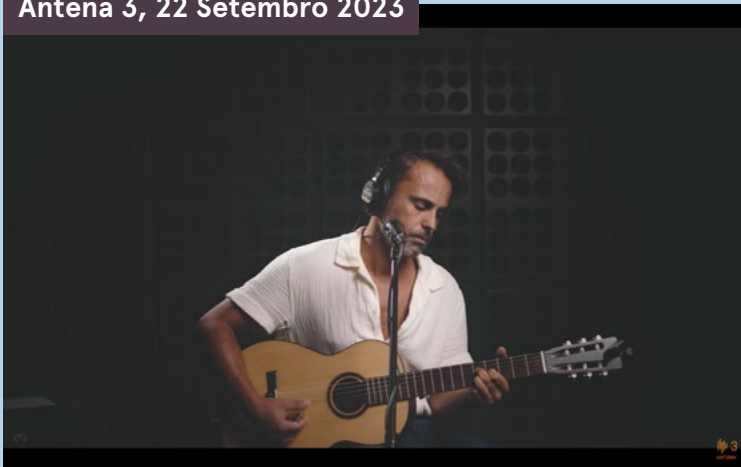
22 set. 2023, 07:25



No álbum de estreia a solo, *Cajarana*, André Henriques fez uma promessa, ou melhor, desabafou um desejo que germinava na sua cabeça. *Uma Casa na Praia* era a canção que suspirava por esse cenário idílico, de “pés cheios de areia” e deixando para trás a cidade “a posar pró turista”.

Observador, 22 Setembro 2023

Antena 3, 22 Settembre 2023



SIC, 22 Settembre 2023

